

Taubaté, 2,2,1905

Rangel:

Tenho cá a tua opinião sobre Flaubert, Zola e a definição de arte deste_ e como minha opinião precedeu a tua, estamos entendidos nesse ponto. Vamos a outro. Na penultima carta dás como definição de arte do Taine a sua definição de obra d'arte, coisa muito diferente. Definição de arte foi coisa que o sensato e cautelossissimo Taine teve o espirito de não tentar, para não dar a topada que todos os definidores vêm dando desde a Grecia. Todas as definições de arte que conheço degeneram em *noção*, e isto pelo absurdo de aplicar o processo definitorio, coisa puramente scientifica e logica, ao fato mais incientifico e ilogico da humanidade_ a Arte. Com os sextantes mede-se a altura das estrelas, mas não se medirá nunca a altura do amor duma menina. Quanto á tua questão de "arte científica", não pesco um xiz. Ciencia_ conjunto de conhecimentos sobre as leis dos fenomenos; arte_ concretização de emoções. Misturar estas coisas é tentar a combinação quimica de ovos e batatas.

Eu não disse (e se disse retrato-me) que Flaubert não é artista, e sim que Flaubert me desagrada, me maça seriamete, e que me tem sido uma pura *corvée* a leitura de seus livros. Idiosincrasia de temperamento, vulgaridade de espirito, qualquer inferioridade minha, enfim_ mas sinceridade, coisa de que te divorciaste na critica a Zola, onde fizeste esgrima de epigramas e ironias_ ou *boutades*, como lá diz o francês. O teu "Gouache" do ultimo "Minarete" (o prodigioso revisor do Benjamim deixou sair "Gonache", palavra sem significação que deve estar dando dôr de cabeça nos pindamonhangabanos), e teu "Gonache" é uma pura imitação pastichada desse Flaubert que te anda estragando as tripas do estilo. Entre a meneira de Flaubert e a de Rangel a diferença é nula_ o que seria otimo para você, se você houvesse vindo ao mundo antes de Flaubert.

Escapaste da imitação do Eça, mas sem sentr imitas o abominavel Flaubert. Coisas assim, assinadas por Flaubert, seriam admiraveis_ em você não passam de engenhosos ecos.

A conclusão é que você ainda não se pariu de todo a si mesmo, pensa que é uma coisa e é outra; e para prova leia o conto que mando, dum extraordinario Emigdio de Oliveira. Não sei quem é, só sei que é dos tais que souberam achar-se e são tremendamente si mesmos. Veja como é potavel, e que linda pastoral á Longus é isso. E quem sabe ou fala desse homem? Estará nascendo agora? Emigdio de Oliveira! Esse nome não me diz nada, nem a ninguem daqui. Encontrei isso dele, li_ e nunca mais necessitarei olhar para os eu nome em baixo para saber se uma coisa é de Emigdio de Oliveira ou não.

Adeus. Sinto-me rabujento. É a chuvinha que não pára. Chove, chove, chove. Até sol.

LOBATO